

TRAJETÓRIAS LÍQUIDAS: O COTIDIANO ACADÊMICO E O PENSAMENTO BAUMANIANO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

LIQUID PATHS: ACADEMIC QUOTIDIAN AND BAUMANIAN THEORY IN A UNIVERSITY CONTEXT

Mariana de Jesus Leite¹
Gustavo Souza Santos²

RESUMO

Bauman introduziu o conceito de modernidade líquida para refletir a sociedade contemporânea e o estado de dissolução de suas convicções sobre a produção do cotidiano, da subjetividade e a salvaguarda do que se compreende por moderno. Esse prospecto, na acepção do autor, rebate-se sobre várias instâncias da vida, entre elas, o contexto universitário norte-mineiro, objeto deste estudo. Sendo assim, reflete-se aqui a produção do cotidiano e da subjetividade universitária contemporânea, a partir do pensamento baumaniano. Metodologicamente, examinou-se a narrativa interpessoal de estudantes universitários de um centro universitário sob a técnica de grupos focais *online* síncronos. O contexto universitário e sua liquidez revela que o espaço educacional tornou-se uma inflexão temporal na qual os estudantes projetam perspectivas de futuro no *locus* do presente, a partir de ensejos imediatistas e consumíveis de sua condição, utopias pessoais e estetização da vida.

Palavras-chave: Modernidade Líquida. Estudantes. Comportamento. Subjetividade. Universidade.

ABSTRACT

Bauman introduced the concept of liquid modernity to reflect contemporary society and the state of dissolution of its convictions about the production of everyday life, subjectivity and safeguarding what is understood as modern. This prospect, in the author's sense, reflects on several instances of life, among them, the university context in North Minas Gerais, object of this study. Therefore, the production of daily life and contemporary university subjectivity is reflected here, based on Baumanian thought. Methodologically, the interpersonal narrative of university students at a university center was examined using the technique of synchronous online focus groups. The university context and its liquidity reveals that the educational space has become a temporal inflection in which students project perspectives for the future in the locus of the present, based on immediate and consumable opportunities of their condition, personal utopias and the aestheticization of life.

Keywords: Liquid Modernity. Students. Behavior. Subctivity. University.

¹ Mestranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Vale de Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Graduada em Psicologia pelo UNIFIPMoc. Foi Bolsista de Iniciação Científica BIC-UNIFIPMoc. Email: marianadejesusleite15@gmail.com

² Pós-Doutor e Doutor pela Universidade Estadual de Montes Claros. Professor adjunto das Faculdades de Comunicação social/Publicidade e Propaganda e de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIFIPMoc em Montes Claros. Email: Gustavo.ccpv@gmail.com

INTRODUÇÃO

O estudante universitário contemporâneo também vive em uma sociedade que Bauman (2001) nomeou em sua obra como “líquida”. Nela, o indivíduo está cada vez mais individualizado, uma vez que, está em busca constante da auto-identificação por meio do consumo exacerbado, que possui efeitos colaterais como a competitividade e a fragmentação da subjetividade. Esta nova modalidade do ser moderno traz diversas oportunidades e trajetórias para o indivíduo, marcada pelo leque de opções de mobilidade subjetiva e temporal que a estetização mercadológica moderna oferece.

O estudante universitário aciona pelos valores educativos possibilidades de constituir-se como um sujeito em movimento por meio da formação especializada, humana e crítica, alinhando ainda habilidades e competências profissionais específicas sob o diapasão do mercado de trabalho, sujeito às intempéries do discurso neoliberal.

A vocação, o projeto, a carreira, o futuro e a escolha são atitudes, dilemas e desafios a ele. Na circunscrição da modernidade líquida baumaniana, tais escolhas são marcadas por regimes de pulverização, impermanência e imediatismo do desejo que se altera continuamente sob o efeito da fetichização da subjetividade (BAUMAN, 2008) e das modulações temporais do eu, do ser e do devir (BAUMAN, 2007, 2007, 2009).

A escolha e o caráter longitudinal da vocação na formação acadêmica torna-se, neste prospecto, um quadro dissonante e dissociativo de sua própria base: insegurança, instabilidade e angústia tornam-se residuais. O tempo presente de liquidez, na acepção baumaniana, elevou a individualidade ao estatuto de valor central, uma vez que na época que antecede a liquidez, houve enfraquecimento com modelo de instituição patriarcal dando força a liberdade individual (BARROSO, 2010).

De acordo com o teórico, o enfraquecimento de tal instituição iniciou-se na Segunda Revolução Industrial, quando da implantação do modelo fordista de produção, “o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “volumosa”, ou “imóvel” e “enraizada”, “sólida”” (BAUMAN, 2001, p. 74). Conforme Bauman (2001, 2007), o estilo de vida anterior, denominado capitalismo pesado, no estilo fordista, era ditado por leis e rotinas árduas. Em contraposição, o capitalismo leve, aliado com o consumo, não aboliu as autoridades, no entanto

permitiu que houvesse uma coexistência, no qual não há espaço para exclusividade.

Por meio do consumo como capital social, o indivíduo tenta escapar da agonia denominada insegurança, quer estar livre do erro e incompetência, em busca de segurança, estabilidade e confiança. O universitário, por residir na inflexão da vida produtiva e na formação como estirpe do projeto de vida e do futuro, vive essa dinâmica com a intensidade da ansiedade pela concretude imediata dos anelos do desejo estetizado e fetichizado pelo consumo.

Ademais, a universidade, assim como outras instituições, abarca um dispositivo de consolidação da própria realidade subjetiva por meio da oferta de uma diversidade de caminhos, aliados ao discurso econômico e mercadológico de produtividade, o que acena para pressões pela produção de si em velocidade e impermanência.

Há que se investigar, a partir dos pressupostos da modernidade líquida de Bauman, como a produção da subjetividade do estudante universitário contemporâneo se vê afetada por esse processo, apontando para a produção de cotidianos universitários líquidos, e que acenos psicossociais são possíveis de observar.

Este estudo reflete a produção do cotidiano e das relações do estudante universitário contemporâneo, a partir do pensamento baumaniano. Inicialmente, reflete-se a partir dos pressupostos do autor, a produção do cotidiano universitário. E, a seguir, examina-se a dimensão subjetiva deste cotidiano, a partir da narrativa dos sujeitos em questão.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo foi desenvolvido a partir da organização de grupos focais na modalidade *on-line* síncrona, sob a perspectiva de Bordini e Sperb (2011) e de Abreu, Baldanza e Gondin (2009). A técnica apoia-se na aplicação tradicional de grupos focais, todavia oferecidos em plataformas digitais de modo sincrônico.

Por grupos focais *online*, Bordini e Sperb (2011) afirmam possuir a mesma substância e ritmo dos grupos focais presenciais, todavia a interação dos participantes é síncrona, em tempo real e utilizando de um recurso de conferência *online*. Todavia, os grupos focais *online* não são apenas uma transposição do formato presencial, mas constituem uma técnica peculiar em exploração de um ambiente de interação virtual, destacam Abreu e Baldanza e Gondin (2009).

O estudo foi desenvolvido em um centro universitário do Norte de Minas Gerais, Brasil, tendo a população sido composta pelo corpo discente dos 16 cursos de graduação de todas as áreas do conhecimento oferecidos pela instituição, totalizando um quantitativo de 5 mil estudantes.

Como critérios de participação no estudo definiu-se estar regularmente matriculado em um dos cursos de graduação de todas as áreas do conhecimento da instituição, de modo que o cotidiano acadêmico alcance o estudante e esse trafegue por essa trajetória sem impedimentos institucionais ou pessoais.

Ainda como critérios de não inclusão, não estar cursando, no momento da coleta de dados, o primeiro ou o último semestre de graduação. O critério orienta-se pelo princípio de que as dinâmicas de ingresso e de conclusão do curso superior são marcados por processos particulares e que, naturalmente, intensificam a produção do cotidiano universitário. O estudo quer se debruçar sobre a ideia do constructo de um *continuum* da experiência do estudante.

O processo de extrato amostral compreendeu um roteiro de seleção de participantes e aspectos que considerou:

- recrutamento dos participantes por meio de divulgação pública do projeto de pesquisa na *internet* e nas ambiências de comunicação interna da instituição, delineando seus autos, informações sobre a coleta de dados e benefícios do estudo. Para fins de divulgação, o projeto se denominou “Trajetórias líquidas”.
- para o conclave, seleção e recrutamento dos sujeitos participantes, o projeto foi divulgado na *internet* por meio dos canais institucionais e demais meios de comunicação interna *off-line* (murais, circuito de TV e quadros de avisos).
- tendo em vista a heterogeneidade participante como enriquecedora ao estudo, a seleção e recrutamento não levou em conta o contato prévio entre os selecionados, entendendo que esse tipo de relacionamento não afetaria o desenvolvimento da coleta de dados, pautada em debates e discussões mais pontuais sem que situações de constrangimento ou reservas pessoais detenham

o fragor empírico.

- a divulgação da pesquisa implicou ao interessado fazer contato via endereço de e-mail específico, recebendo instruções prévias para aceder a um *link* contendo formulário de inscrição desenvolvido com a ferramenta *Google Forms*. O formulário solicitou informações pessoais básicas (nome completo, sexo, data de nascimento, e-mail de contato e telefone), além de questões que assegurem o atendimento aos critérios de inclusão e exclusão.
- todas as solicitações garantiram ao candidato e depois participante selecionado, o sigilo de informações prestadas e a identificação, sendo facultado ao indivíduo divulgar ou não a participação no projeto. A pesquisa adotou a lisura nos processos e o respeito ao consentimento dos sujeitos, esclarecendo-o sobre riscos, benefícios e questões éticas³. Os sujeitos foram ainda motivados à participação livre de constrangimentos e inseguranças quanto à sua atividade durante a realização da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- a inscrição de candidatos à participação no projeto não previa limite máximo, todavia, foram selecionados para integrarem o projeto o número de 30 (trinta) participantes, cabendo à equipe de pesquisa o exame e avaliação dos candidatos. Os participantes selecionados foram divididos em 3 (três) grupos de 10 (dez) integrantes (Grupos A, B e C).
- os candidatos selecionados foram contatados por meio de endereço de e-mail e telefone fornecidos para a comunicação do aceite, esclarecimento de dúvidas e envio de informações detalhadas sobre a pesquisa.

A escolha de um grupo de 25 (vinte e cinco) participantes implicou na realização de mais de um evento de coleta de dados, especificamente 5 (cinco) grupos focais, compostos de 5 (cinco) integrantes cada. O número de participantes⁴ recrutados se alinhou à literatura (Abreu Baldanza e Gondin, 2009; Bordini e Sperb, 2011) que considera o número coeso para a promoção de discussões no formato de um grupo focal,

3 O estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo CEP nº 3.353.373/2019.

4 O número de integrantes por grupo focal, aqui estabelecido em 10 (dez), foi estimado de acordo à preconização da literatura que prevê mínimo de 4 (quatro) e máximo de 12 (doze) integrantes para a garantia da condução dos grupos focais, para a integridade dos dados coletados e eficácia na moderação (Abreu, Baldanza e Gondin, 2009; Bordini e Sperb, 2011).

tendo em vista uma moderação eficiente e segurança na coleta de dados, sem que os dados se tornem truncados ou se percam (Fox, Morris E Rumsey, 2007; Walston E Lissitz, 2000).

O desenvolvimento do grupo focal *on-line* síncrono foi realizado por meio do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. Os participantes foram adicionados por meio de suas contas pessoais (ou a critério do participante, especialmente desenvolvida para este fim) a uma conversação em grupo (sem requisito de áudio e vídeo, apenas a função de *chat*) para o desenvolvimento e condução do grupo focal *online*.

Os grupos focais foram desenvolvidos com base em um roteiro composto por 5 (cinco) questões não estruturadas, abordando aspectos gerais da temática. As discussões desenvolvidas junto aos participantes nos grupos focais foram exportadas em formato textual do aplicativo na íntegra e submetidas à técnica de análise de conteúdo. O usufruto da análise de conteúdo permite uma exploração cadente dos dados, capitulando elementos referenciais, categorizando informações basais e permitindo a elucidação de cenários (BARDIN, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cotidianos líquidos: contextos universitários, comportamento e Bauman

Bauman (2001) traz à tona a discussão sobre a modernidade, que segundo ele, é composta por uma forma líquida. Tal conceito advém da ideia que há uma variedade de fluidos e instabilidade, no qual não mantém sua forma contínua, sem atemporar espaço e nem fixam o tempo. Isto é, diferentemente dos sólidos que se caracterizam por suprir o tempo e espaço de forma concreta, o líquido, por sua vez, não se distingue à forma e estão sempre propícios à mudanças, sendo assim, pretendem mudar de espaço de forma instantânea.

Posto isto, acredita-se que contemporaneidade é regida por essa ausência de “forma” e instabilidade, ligada à aceleração, velocidade e rapidez, principalmente por ser marcada pela era da tecnologia e introduzindo na subjetividade do sujeito um sentimento de instabilidade, de constante mudança, gerando mais incerteza e até mesmo sentimentos de angústia e insegurança, como também afirma Haroche (2015).

Sendo assim, essa subjetificação no sujeito, é marcada pela ubiquidade das “telas”, como

celulares, computadores, televisões, induzindo maneiras de sentir, pensar e até mesmo certo tipo de alienação, pois o sujeito fica à mercê de tais atributos, como Haroche (2015) também explicita. O sujeito também é marcado pela sua individualidade, ou seja, o sujeito que antes era cidadão, agora é o que dá forma à sociedade a partir das suas ações. A modernidade só existe devido às atividades de individualização e este é colocado como centro da dinâmica, como também é colocado por Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021), o que Bauman (2001) diz ser uma fatalidade e não uma escolha.

Além disso, a modernidade também é composta por um consumo exagerado, no qual conforme Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021), quanto mais bens é consumido, a utilidade do último bem diminui. Ou seja, Bauman (2001), diz muito sobre essa felicidade momentânea no qual os bens trazem ao indivíduo, como uma urgência de consumo imediato.

Acredita-se que o cotidiano é marcado pela competição, em que os sujeitos fazem comparação uns aos outros, hierarquizando objetos e até mesmo os próprios indivíduos, sendo possível classificar e desclassificá-los constantemente, de forma que a economia e a arrecadação de objetos se tornassem uma disciplina, e o que os move é a vantagem de ser individual, sem o sentimento de cooperatividade em buscar a felicidade do outro como Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) também propõem. Não obstante, faz-se uma divisão humana, com tais competições, ao invés de unificar e solidarizar, como Bauman (2001) afirma.

Nesse sentido, a sociedade traz diversas oportunidades e trajetórias ao indivíduo, pois essa sociedade é marcada pelo “leque” de opções devido aos diversos âmbitos aos quais se compõem. Em contrapartida, o sujeito, não sabe exatamente qual caminho seguir; fato que, por conseguinte, acarretando insegurança, instabilidade e angústia.

Destarte, o indivíduo como portador de todas os sintomas da sociedade, busca sempre exigir mais de si mesmo, se cobrando, buscando ser “bem sucedido” para ser valorizado e aceito, por conseguinte, causa frustração, autcul-pabilização, angústia associada à derrota, de acordo com Safatle (2021). Sendo manifestado também vaidade, inveja, auto-aprovação, sendo derivado da do imediatismo do querer.

Tal período não aboliu as autoridades, fez com que existissem autoridades mútuas, sem espaço para exclusividade, já que todos os su-

jeitos possuem acesso a tal sintoma, isto é, quando as autoridades são diversas, há um cancelamento entre elas, como Bauman (2001) diz.

Sendo assim, há uma contraposição entre depender e se libertar, pois não existe outra forma de viver, a não ser de se submeter às normas no qual é imposta. Não há liberdade sem seguir tais normas, se houver revolta o indivíduo fica cada vez mais agoniado. Essas regras e padrões economiza tal agonia, gerando rotina e monotonia tal qual Bauman (2001) relata. Segundo Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021), o neoliberalismo gera sim um certo tipo de regime autoritário, justamente por o sujeito não ter outra opção a não ser seguir o Estado.

No entanto, essa autoridade posta, não são iguais às autoridades de regimes como o nazismo, facismo e ditadura militar. Essa liberdade/autoridade deixa o sujeito à mercê do problema de relação à segurança, pois há uma falta de garantia, o que leva o sujeito a sentir medo constantemente. Portanto, há o “problema da segurança”, sendo e com anseio por mais segurança, o que nenhuma medida prática pode saciar, porque seu destino é deixar intactas as fontes primárias da incerteza e da ausência de garantias. O que Bauman (2007) fala muito sobre a superproteção de propriedades e pessoas como indispensáveis.

Todos os sintomas da modernidade citados acima, fazem parte principalmente do cotidiano dos jovens, justamente por serem uma geração que nasceu dentro de tal época. No entanto, o presente estudo traz à tona uma parcela de jovens, os universitários. Sendo assim, até 2019, os brasileiros que possuíam a oportunidade de fazer um ensino superior, segundo a Revista Ensino Superior chegam a 34,3%⁵. Posto isto, a universidade está veementemente ligada ao mundo líquido moderno.

O universitário busca escapar da agonia denominada insegurança, querendo não ter tais sintomas, estando livre do erro e incompetência, o que afeta diretamente na academia e outras esferas, pois está inseguro com as mudanças ocasionadas pela liquidez, principalmente no âmbito do mercado de trabalho, além de ter um pressão ocasionadas pelo próprio sujeito, pelos indivíduos que compõem a vida deste e até mesmo pela escola até a universidade.

Há uma competitividade dentro da ambien-

te acadêmico o que ressalta a individualidade citado por Bauman (2001), gerando uma pressão e comparação entre os colegas de faculdade, além de ter um imediatismo diante das tarefas universitárias, pois a sociedade quer que o sujeito forme e construa um futuro o mais rápido possível, pois é isso que é imposto. Ademais, o jovem universitário passa tal trajetória ansioso por tal futuro e sempre em busca de algo, sem se satisfazer com o presente, agindo sempre em busca de um maior conforto no qual Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) também citam.

Bauman (2001) diz que tal competição pela sobrevivência certamente não é característica exclusiva dos trabalhadores, mas também faz parte do geral, de todos os que sofrem pela mudança da relação entre tempo e espaço, como os jovens universitários. Portanto, quando tal realidade é subjetiva, os objetos da competição são os consumidores e não os produtores, de acordo com Bauman (2001).

Dessa forma, acredita-se que o jovem possui uma visão que quem é bem sucedido é aquele que possui multiafazeres, multitarefas e que escolhem imediatamente após sair do ensino fundamental, um curso superior e há uma pressão e um julgamento por parte de terceiros para haver tal escolha e qual escolha. Sendo assim, muitos jovens tentam escapar dessa agonizante monotonia através do consumismo com prazeres momentâneos, além de serem cobrados por escolherem um futura profissão que lhes proporcionem uma “segurança” econômica para que possam, justamente, possuírem tais bens.

De tal modo, a Psicologia como ciência que estuda os fenômenos ligados à mente humana, ao comportamento e aos sintomas tanto individuais quanto sociais, faz-se necessário um estudo com jovens universitários, justamente pela modernidade afetar o cotidiano destes e afetando também a ambiente acadêmico como um todo, influenciando diretamente na trajetória do sujeito, tanto que é notório como a procura de psicólogos neste século é crescente.

Trajетórias líquidas: práticas, processos e subjetividades em contexto

A partir do desenvolvimento dos grupos focais *on-line* síncronos, os resultados foram agrupados em cinco categorias de análise. Seus contextos e extratos dos diálogos dos sujeitos

5 Conforme: <https://revistaensinosuperior.com.br/ensino-superior-diploma/#:~:text=Ou%20seja%2C%20dos%2072%2C2,69%2C7%20milhões%20de%20pessoas>. Acesso em: 14 set. 2021.

são apresentados a seguir.

Pressões e representações da trajetória

Devido às diversas esferas nas quais a vida líquida se compõem, Bauman (2001) traz a conceituação de imediatismo diante à vida. Acredita-se que manter-se fixo a um lugar não é de grande importância quanto abandonar tal lugar, uma vez que pode-se abandonar a qualquer momento e ir ao encontro de outros lugares imediatamente.

Em intervalos curtos, o indivíduo se vê sob a oferta de destinos flexíveis e fluidos a frequentar distintas posições e a não permanecer em nenhuma. O sujeito se vê pressionado a chegar a um lugar mesmo sem saber em que lugar chegar. O indivíduo está pressionado devido ao adiamento de sua chegada quanto de sua partida (BAUMAN, 2001).

Como destacaram os participantes:

Para além das pressões que a época já carrega em si, como estética, o excesso e a necessidade do outro, a rebeldia rs, traz também essa pressão de escolha de uma profissão que seja a certa, onde só a palavra pressão já deixa em si seu peso gigantesco. Eu acho que precisa existir uma orientação para os adolescentes em questão de auto conhecimento para que eles possam se responsabilizar por sua trajetória, então assim, não acho de todo ruim que as escolas tragam esse conhecimento e essa visão de que existe um futuro que vai chegar, mas acho que os caminhos usados pra isso não são os mais adequados e possuem outros objetivos mais voltada para um sistema, então é uma coisa que me vem muito, a trajetória da vida de quem, mas o papel da escola pode ser relevante de várias formas (Sujeito 3, 22/10/2020).

Quando saí do ensino médio, tinha uma ideia específica do que queria fazer, baseada num sentimento de que talvez aquilo fosse interessante para mim (Farmácia), a pressão de me inserir logo de cara numa faculdade específica existia, mas como consegui, não se tornou realmente uma pressão pesada subjetiva. Como só entrei na segunda parte do ano na faculdade que queria, passei os primeiros 6 meses de 2016 fazendo Biologia na Unimontes, depois fui fazer Farmácia na UFVJM. Passei 3 períodos lá, que foram completamente desconexos em relação aos estudos, porque aquilo não me inspirava o mínimo. Resolvi trocar de curso por Psicologia, não senti remorso pela escolha (Sujeito 20, 22/10/2020).

Me sentia como se cada mês em que eu não estava numa universidade era um atraso na minha vida. Porém ao me distanciar um pouco das situações condicionantes antes citadas, achei que era necessário pensar por mim mesmo no que me interessava realmente em estudar, mesmo que talvez não me desse o mesmo retorno financeiro

e nem a posição que eu procurava. Então, após um ano de formado me ingressei no curso de história e confesso que lá, apesar de me familiarizar muito com a área do conhecimento, me senti muito angustiado. Não conseguia me projetar no curso, não conseguia me ver enquanto professor daquilo. Foram momentos difíceis, pensei em largar a faculdade mas a angústia de não estar cursando nada também me incomodava muito só de pensar. Procurei transferência para o curso de geografia e lá me senti muito bem, consegui me projetar, me envolvi em projetos e em pesquisas porém dentro dessas áreas passei por processos traumáticos que me fizeram trancar o curso e me afastaram durante 2 anos da Universidade. Durante esses anos eu tive pouca pressão sobre Universidade sobre mim. Passei a trabalhar com música e estudar por conta própria o que precisava para trabalhar. Porém, sentia que o que eu poderia alcançar dentro da cidade nessa área era pouco. E novamente, voltei para faculdade para cursar música. Nesse momento volta uma pressão muito grande, pois conhecendo os professores e conhecendo as áreas de trabalho não conseguia novamente ver um futuro interessante nem nada atrativo. O curso se tornava algo sem sentido. Apesar de me sustentar e eu já trabalhar com isso, não via como chegar em uma situação que me agradasse. Me senti na necessidade de sair novamente e buscar por alguma coisa que me traria maior retorno e com que eu conseguisse criar um futuro interessante. Foi então que ingressei no curso de Psicologia e hoje, apesar da pressão pela idade que eu penso que é um pouco avançada, a ideia de estar fazendo algo que consigo me projetar e me sentir feliz me alivia muito na trajetória (Sujeito 18, 22/10/2020)

Na época de escola não sentia muita pressão, acredito que eu como maioria dos brasileiros temos um grande indecisão e não temos noção do que é escolher uma profissão. Por ter pouco ou nenhum contato com a prática de qualquer profissão no ensino médio eu apenas buscava algo que eu imaginava que iria gostar e que me daria retorno financeiro. Me espelhei em familiares engenheiros e escolhi a engenharia, passei em uma federal e durante o curso comeci a sentir o peso da importância de gostar da profissão, odiava a engenharia e não me sentia bem no curso, por isso no quarto período larguei. Fui fazer cursinho e deixei pra pensar na profissão durante o processo. A pressão era muito grande por ser mais velho que meus colegas, e por meus amigos já estarem no meio da trajetória acadêmica, decidi prestar vestibular para medicina e com dois anos consegui a aprovação, dessa vez pelo fies. Uma vez dentro do curso a pressão passa a ser individual, eu hoje sou quem me cobro ser um bom futuro médico, nesse curso eu me encontrei e nele me sinto realizado (Sujeito 14, 22/10/2020).

Os entrevistados 3, 20, 18 e 14 trazem em suas discussões as pressões e imediatismo diante à escolha de uma profissão, principalmente entre a saída do ensino médio à universidade ou algo em torno desse período, no qual o sujeito vê-se na obrigatoriedade de “ser alguém

na vida”, devido à essa pressão, fazem escolhas que no decorrer dos estudos realmente não despertam tanto interesse e são obrigados a escolher outro curso.

Posto isto, acredita-se que o sujeito tem a possibilidade de escolha, um compromisso, ou então, uma pressão para tais escolhas, segundo Cassol (2020), escolha entre as opções nas quais aparece ser a mais viável, criando uma padronização no modo de vida, com um sentimento de que pode sempre estar melhorando em tal escolha, portanto havendo uma necessidade de escolha e melhoria dessa escolha a partir desse padrão no qual a sociedade impõe e quando há essa escolha entre outras, há sempre sentimentos angustiantes de incerteza.

Sendo assim, conforme Cassol (2020) também aponta, não possui especificamente uma pedagogia entre o bem e mal na teoria de Bauman, mas necessita-se na sociedade uma orientação por parte da educação para que o indivíduo se compreenda e reflita devido sua responsabilidade, considerando sua condição humana. Ou seja, faz-se necessário, como o sujeito 1 trouxe, uma orientação por parte da educação e não uma pressão diante à escolha da profissão para ser alguém na vida.

Dessa forma, devido à tal imediatismo, o sujeito acaba fazendo escolhas nas quais não são do seu gosto para agradar a padronização imposta, se sente na obrigatoriedade da escolha e por fim, chegam à mudar de escolha como o Sujeito 2, 3 e 4 fizeram, justamente por esse motivo. Portanto, o indivíduo se torna centro da dinâmica, a partir do momento de subjetivação os modos de produção da sociedade, se cobrando cada vez mais, querendo ser “alguém na vida”, querendo ser valorizado por essa sociedade que tanto cobra e pressiona, por conseguinte quando traz um esvaziamento, um questionamento sobre qual caminho seguir, o sujeito se vê angustiado, frustrado, e se culpando como Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) também apontam.

Brown (2018) traz à tona o conceito de governança, no qual governar virou sinônimo de administrar e toda as esferas da vida são voltadas para a economia do Estado. Isto é, a sociedade contemporânea neoliberal, responsabiliza o sujeito pela economia, possui uma racionalidade no qual esse é obrigado a sustentar a si mesmo em prol da economia, uma mercantilização da vida, configurada num modelo de empresa. Tal qual os universitários sofrem as consequências, uma vez que são pressionados

a escolher uma profissão de forma apressada e entrar no mercado o quanto antes.

Espera-se que o sujeito cuide de si próprio e gere o bem estar econômico, mas se caso a economia não for bem, o sujeito é responsabilizado. O sujeito, portanto, virou um capital humano, e o estudante é responsabilizado também, no dever moral, de empreender e investir em si próprio (Brown, 2018). Quando não há sucesso, há culpa por parte desses universitários.

Rotinas pessoais e acadêmicas

Presume-se que o sujeito moderno posto à uma diversidade de tarefas, ou seja, quanto mais afazeres realizar em menos tempo, mais significa que o sujeito é produtivo. Sendo assim Bauman (2001) traz o discurso de Max Weber no qual o indivíduo necessita realizar as tarefas eliminando o tempo ócio ou improdutivo, isto é, tempo improdutivo. Assim como Safatle e cols (2021) também acreditam que para assistir uma peça de teatro, se custaria o ingresso e o tempo gasto na atividade, no qual o sujeito poderia estar fazendo algo de produtividade, seria um desperdício de tempo tal ociosidade.

O participantes do estudo destacaram:

É a parte que eu tenho mais dificuldade em lidar pois sou e gosto de ter multitarefas, quando isso não acontece tenho uma sensação de vazio e de que meu dia não foi produtivo. O que acaba não sendo bom, pois vinculo muito o meu sentimento de importância com a quantidade de tarefas que consigo executar, dispensando ou tendo dificuldade em aceitar momentos de calma (Sujeito 7, 22/10/2020).

Tanto na faculdade como no trabalho essa visão é bem comum, somos constantemente cobrados para realizar e entender sobre uma enorme gama de coisas. Para não ficar atolado (mais do que já estou) tento realizar as atividades de imediato, mas muitas delas são em grupo o que acaba por exigir mais tempo de adequação e até que todos se reúnam .. Deixo a parte da manhã toda para resolver coisas do trabalho, a tarde divido o pouco tempo com tarefas de casa, curtir minha namorada e a jogar um pouco (Sujeito 10, 22/10/2020).

Existem pessoas que se cobram em ser perfeitas em varias esferas de suas vidas. Acredito que com tanta demanda de tarefas precisamos encontrar o equilíbrio para ser feliz, é humanamente impossível ou pelo menos pouco provável que alguém consiga ser o melhor aluno da sala, se divertir em finais de semana, ter uma rotina de exercícios e alimentação saudável como um atleta e ainda trabalhar. Procuro ser um dos bons alunos de minha sala, me divertir nos fins de semana mas não ser aquela pessoa que esta em todas as festas, ter uma rotina saudável mas não

uma vida de atleta e trabalhar no tempo livre, ou seja, definir o que é mais importante, hoje prioridade é cursar medicina, portanto trabalho no tempo livre, mas também não me culpo por faltar uma ou duas aulas quando preciso (Sujeito 13, 22/10/2020).

Conforme os entrevistados 7, 10 e 13 impuseram, há uma ampla necessidade de produtividade, de multiafazer o tempo todo. Acredita-se, assim como Bauman (2001), que a procrastinação não faz parte da produtividade do sujeito contemporâneo, ou seja, como o sujeito 3 impôs, quando ela não faz um gama de afazeres, ela se sente impotente, vazia e improdutiva. Dessa forma, é o cerne em questão, é que Bauman (2001) é que a palavra “tarefa” indica é ir ao encontro do objetivo do sujeito, mas viver em procrastinação não faz parte do sistema moderno, uma vez que é necessário trabalhar para a imediatez e chegar ao gozo de tarefa concluída.

Sendo assim, sempre haverão tarefas a serem concluídas. Conforme Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) também acreditam, é necessário uma escolha sempre respondendo à maximização de ser útil. É, portanto, como Bauman (2001) afirma, é de construir a vida individual, sem tempo para serem preguiçosos e ócios, ou se não preguiçosos e ócios, são taxados como sujeitos fragilizados. Ou seja, o sujeito precisa ser bom o tempo todo com seu trabalho, mas se houver falhar, há culpa. Assim como Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) também trazem a discussão de Becker (1993), na qual os sujeitos estão cada vez mais cheios de afazeres e quando não há tais tarefas, perde a lógica do “eu”.

Bauman (2001) compara o trabalho com o corpo humano, no qual o corpo é o trabalho e se o indivíduo não se exercita e/ou cuida do corpo, deve-se sentir culpado e envergonhado, sendo as imperfeições todas culpabilizadas pelo próprio sujeito. O trabalho foi colocado como condição natural humana, é necessário trabalhar e produzir, o trabalho está em primeiro lugar das ações humanas. É, portanto, uma construção de uma vida, o que direciona a vida humana, uma significação principalmente no que diz respeito à estética.

Dessa forma, assim como Sigahi e Saltorato (2018) também acreditam, as instituições rotulam o sujeito de acordo aos ideais de eficiência, produtividade e competitividade, através do papel de ser ativo, é necessário o sujeito aprender a gerir tal modo de capital e produção individual. Portanto, caso o sujeito não for

produtivo o máximo, ele se sente angustiado, improdutivo, imperfeito, mas tal tempo ócio e preguiçoso, também faz-se necessário para a vida humana.

Assim como Sigahi e Saltorato (2018) acreditam, a universidade cujo objetivo era de buscar conhecimento, reflexão e formação crítica, passa a ser um subconjunto de política da economia, no qual cobra do sujeito, a universidade passa a ser vista como um produto a ser vendido, além de ser um ambiente de competição até mesmo entre as instituições, devido a capacidade do sujeito de participar de várias tarefas e projetos ao mesmo tempo, é necessário aprender de forma rápida e esquecer rapidamente, desenraizando-se assim como Sigahi e Saltorato (2018) também ressaltam.

De acordo com Chauí (2019), pode-se dizer que a contemporaneidade neoliberal é um novo regime totalitário, pois o antigo totalitarismo firmava uma sociedade homogênea, na recusa de uma heterogeneidade social e o Estado impunha crenças, comportamentos, valores e costumes, absorvendo a sociedade. Atualmente, é considerado como novo, pois são os sujeitos que absorvem o Estado, de forma que toma-se como referência a economia, uma organização, “a empresa”, uma vez que as instituições como escola, hospitais e igreja são consideradas empresas e o sujeito é visto como fonte de lucro dessas empresas.

Posto isto, o sujeito passa a se comportar como uma empresa, pois como visto pelas falas dos entrevistados, é necessário sempre estar produzindo, numa racionalidade de competitividade entre os colegas. O indivíduo, portanto, não faz parte de uma classe social, mas é visto como empresa individual de capital humano, empresário de si próprio, levado à competição de todas as organizações, denominado pela concorrência e meritocracia. A educação, todavia, é vista como investimento para estimular comportamentos competitivos e o estudante interioriza a culpa quando não “vence” (Chauí, 2019).

Laços, relações, subjetividade e socialidade

Os laços sociais são, assim como a modernidade, líquida. Isto é, acredita-se que qualquer relação densa de relação, torna-se um obstáculo, uma vez que, para que haja a liberdade que tanto se prega nessa era, é necessário soltar de

laços sólidos, soltar-se se fronteiras fortificadas, assim como Bauman (2001) ressalta.

Os âmbitos globais se desfazem tais redes em proveito da sua crescente fluidez, principal fonte de sua força. E sendo assim, a fragilidade e o imediatismo dos laços e redes humanas que permitem que esses poderes da globalização se operem (BAUMAN, 2001).

Conforme os participantes:

Na minha opinião, a competição que existe na faculdade é tão prejudicial que me fez sentir deslocado. Não acredito que cresceremos na base da competição, mas sim da troca de informações para uma abrangência maior do conhecimento (Sujeito 22, 22/10/2020).

O contexto universitário, até então, tem sido diferente de tudo que já me aconteceu. As relações são intensas e instáveis ao mesmo tempo (vc faz amizades, mas, de repente, as pessoas se mudam, troca de curso, volta p sua cidade, o curso acaba...) Acho que, por isso, a gente acaba ficando mais seletivo tb. Tipo, da pouca credibilidade p algumas relações, pq essa sensação de que vai ter um prazo de validade [...] De negativo, o que me incomoda muito, mas muuuuito é a sensação de competição que acaba se criando. Se por um lado algumas pessoas se tornam família, por outro, parece que somos alvos do insucesso alheio. Isso me incomoda (Sujeito 18, 22/10/2020)

Hoje meus laços mais próximos aqui em Montes Claros proveem do ambiente acadêmico. Pelo alto número de atividades, aulas, grupos, há uma tendência muito grande de se criar relações de amizade com colegas de sala e ou do próprio curso. Tenho amizades muito consolidadas dentro do ambiente acadêmico, as quais agregaram a minha vida. Porém, acaba que há também relações tóxicas, essas em menor quantidade e evitáveis, mas existem (Sujeito 2, 22/10/2020).

Eu tento ter uma boa convivência com meu grupo, mas às vezes ocorre contratempos que não deixam isso acontecer. Atualmente, se não estou bem com a pessoa, prefiro me afastar pra não tornar a relação mais insuportável, acho que essa está sendo a maneira mais certa no momento. Tento não misturar problemas acadêmicos com a vida pessoal, mas às vezes é inevitável e acabo perdendo a relação com uma determinada pessoa por um conflito que teve por conta de um trabalho de faculdade. Contudo, tento não deixar esses conflitos me impactarem de maneira negativa e tento ignorá-los e seguir minha vida normalmente (Sujeito 25, 22/10/2020)

Assim como os entrevistados 22, 18, 2 e 25 relataram, há uma competição entre os colegas, há uma instabilidade nas relações, tanto que tal instabilidade torna-se um obstáculo para criarem laços, uma vez que há um prazo de validade para tais relações. Posto isto, assim como Bauman (2001) acredita, os laços pos-

suem, assim como o sujeito 2 disse, um prazo de validade, uma vez que não há raízes sólidas nas relações e isso não exclui as relações entre colegas da universidade.

Posto isto, quando há um laço afetivo entre os colegas, assim como o sujeito 25 disse, há um incômodo, faz-se necessário um afastamento do outro sujeito para não ter que aguentar a insuportabilidade na relação. Ou seja, assim como Bauman (2001) diz, é mais fácil descartar a lealdade, não há esforços em manter o outro, o estranho, o estrangeiro, é mais fácil evitar a comunicação e compromisso mútuo, sendo feitas de incerteza a existência enraizada da nova fragilidade dos laços sociais.

Dessa forma, a compreensão e conceituação diferentes fazem parte da vida humana, mesmo que haja uma falta de permanência nas relações, assim como Cassol (2020) aponta, a educação na modernidade líquida, é vista mais como vento do que corda. No entanto, tanto os tempos sólidos e líquidos, faz-se necessário considerar a subjetividade humana para que haja uma construção de laços ao invés de impedimentos.

Na psicologia, mais especificamente na teoria junguiana, tudo o que irrita no outro, fala mais sobre o sentimento da irritabilidade do próprio sujeito do que o sujeito que irrita. Ou seja, quando os indivíduos são colocados à viverem em situações diferentes, com pessoas diferentes e que causa um estranhamento, fala-se mais do próprio sujeito. Sendo assim é mais fácil o sujeito afastar-se das amizades nas quais causam estranhamentos do que enfrentar tais obstáculos, assim como Bauman (2001) destaca.

Portanto, acredita-se que há uma incapacidade de enfrentar a diversidade subjetiva e a ambivalência de todas as decisões classificatórias. Quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença (Bauman, 2001).

Saúde, sofrimento e cotidiano acadêmico

Acho que respondi essa mais cedo, mas sinto que posso elaborar mais. Agora com a terapia, estou sabendo lidar mais com o estresse e com a comparação, e senti que precisava de ajuda quando comecei a deixar que meu estresse gerasse desavenças em casa e sintomas físicos. Tento fazer atividades físicas quando possível. O que me causa sofrimento são mais questões internas. Minha vida é muito encaminhada, se posso dizer assim. Sei que sou privilegiado em saúde, pela educação, pela questão financeira estável. Meu sofrimento físico e psíquico advém mais do fato

de que sei que sou sucedido, só não realizado (Sujeito 9, 22/10/2020).

Quando entrei na faculdade, eu tinha uma saúde mental consideravelmente boa, atualmente faço uso de antidepressivos. Não enquadrando minha doença apenas por conta da faculdade, e sim por vários outros contextos (Sujeito 19, 22/10/2020).

Acredito que o meio acadêmico seja o principal fator de impacto na minha saúde mental, me tornei uma pessoa extremamente ansiosa, e infelizmente com o passar do tempo a ansiedade começou a aparecer em outros contextos da minha vida também. Meus sintomas de ansiedade além de emocionais também são físicos então faço uso de remédio para controlar, e antes da pandemia começar estava fazendo terapia, o que me ajudava bastante (Sujeito 10, 22/10/2020).

Nos primeiros semestres de faculdade passei por situações que levaram a um elevado nível de estresse, ansiedade, no entanto estes não se tornaram constantes, e sim nos momentos que exigiam maior dedicação e preparação para as atividades que seriam realizadas. Com o passar do tempo fui me acostumando com a metodologia, sabendo estudar melhor para as provas e me organizando melhor (Sujeito 23, 22/10/2020).

Nas falas dos entrevistados, pode-se perceber que a faculdade impulsionou nos sintomas de ansiedade, estresse, somatismo e comparação. Sendo assim, acredita-se que o ambiente universitário, também subjetivou os modos de produção capitalistas e líquido, assim como Sigahi e Saltorato (2018) ressaltam. Além disso, Bauman (2001) também diz sobre como a ansiedade faz parte dessa forma de sociedade, no qual, tal sintoma, juntamente com a solidão e angústias foram feitos para serem vividos à sós.

Percepção da realidade, futuro e idealização

A percepção da realidade e futuro, assim como Bauman (2001) ressalta, é uma esfera, assim como as outras, de instantaneidade, ou seja, de realização imediata através do ato, mas também causa exaustão. Há uma necessidade de aprender durante a trajetória, mas de modo rápido. É necessário aprender de modo imediato e até mesmo mudar de caminho quantas vezes forem necessárias (Sigahi & Saltorato, 2018).

Mesmo pertencendo a uma minoria por ser gay, afeminado, me reconheço em um lugar de muito privilégio no meio em que vivo, pois sou branco e faço uma faculdade de medicina particular e isso me faz querer cada dia mais usar o curso que escolhi e esse privilégio para lutar por pessoas da minha comunidade que, como eu, que

não possuem o mesmo privilégio. No que tange à academia, creio que muito da trajetória na universidade reflete o profissional que serei no futuro e tento equilibrar os estudos com a minha vida pessoal e não abrir mão das coisas que considero importante. Sei que a medicina vem se afunilando cada vez mais e fazer uma pós, uma residência é fundamental para se destacar no mercado e isso me dá certa angústia quando penso no futuro (Sujeito 9, 22/10/2020).

Eu sou uma pessoa muito cheia de planos e acho q isso é algo bom e ruim

Acaba sendo bom pq meio q tenho tudo meio q escolhido lugar pra morar daqui a um ano, onde trabalhar, onde. Tentarei residência e qual residência

É ruim pq quando algo n sai do jeito q planejei na minha cabeça acaba sendo algo q me frustra muito... o que acaba gerando muita angústia (Sujeito 14, 22/10/2020).

Tento não pensar muito no futuro para não sofrer frustrações indevidas. Tento viver minha realidade do agora. Me considero uma pessoa sem grandes planos mas sim, com pequenos objetivos alcançáveis... tenho algumas ambições mas nada muito concreto, então tento levar a vida nas minhas experiências do hoje para que eu não me frustre no futuro (Sujeito 11, 22/10/2020).

As escolhas futuras são os meus principais focos de ansiedade, tenho muita dificuldade em entender que tudo na vida é um processo e que todos precisamos nos submeter a ele. Quero tudo muito prático e para ontem, então se possível passaria mais rápido esse período na academia rsrsrs justamente por achar que tem muita enrola na nossa formação, masss tento aceitar na medida do possível, mesmo pq não existe outra possibilidade (Sujeito 25, 22/10/2020).

A partir das respostas dos sujeitos 9, 11, 14 e 25, observa-se que há um imediatismo quando se trata de formação acadêmica, uma vez que quando o sujeito moderno (chega à pensar no futuro, este tenta planejar toda sua vida de acordo com suas ambições subjetivadas do neoliberalismo. Posto isto, assim como Bauman (2001) traz, devido a incerteza que há na modernidade, tal incerteza traz consigo a angústia, assim como é pensar no futuro.

Dessa forma, assim como os entrevistados relatam, eles pensam no futuro sim, mas sabem que existem obstáculos no planejamento. O sujeito 11 diz que prefere não pensar no futuro, ou seja, adia o pensamento sobre o futuro para não causar frustrações.

Assim como Sigahi e Saltorato (2018), acredita-se que é imprescindível a capacidade de participar de vários projetos ao mesmo tempo e de ser avaliado pelo outro, mas também é necessário aprender e esquecer, desengajar-se e não enraizar-se. Ou seja, o sujeito tem ânsia

pelo futuro de forma que há um imediatismo, uma angústia, uma frustração quando se pensa em futuro.

A universidade traz consigo, assim como Si-gahi e Saltorato (2018) diz, a competitividade e eficácia pelo aprendizado. Assim como Bauman (2001) diz, há um fascínio pelo futuro, no qual traz consigo a contingência, disputa e ambivalência. Ou seja, se não conseguiram ser “bem sucedidos” na vida, foi porque não se esforçaram o suficiente e não são bons e acabam caindo na agonia do futuro, sendo assim dominados pela impressão que causam. Isto é, disputa sobre os fins dificilmente chegaria de fato ao um fim, mas a disputa entre os sujeitos, seria o primordial para esta sociedade.

Posto isto, acredita-se que foi atribuído ao trabalho um papel principal e decisivo, na moderna ambição de submeter a um futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pelo previsível. Os sujeitos, através do imediatismo, pensam no futuro de modo a ser como planejado. No entanto, devido às incertezas do mundo moderno, traz consigo angústias e frustrações. (BAUMAN, 2001)

Vivemos numa sociedade de volatilidade, faz-se necessário um prazer imediato, mas também um pensamento no futuro. E se há um contratempo, os sujeitos modernos líquidos se sentem amplamente angustiados, pois foram mimados por terem tudo em mãos (BAUMAN, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bauman oferece um caminho de leitura da contemporaneidade em que os pressupostos sólidos da autodeterminação da modernidade encontram-se em ponto de fusão. A liquidez residual deriva de um ponto de inflexão entre os desejos acelerados pelos estilos de vida modernos, ampliados, estetizados e intensificados pela dinâmica do consumo, bem como da pulverização de antigos valores que balizavam a segurança do projeto de vida do indivíduo moderno.

O estudante universitário, participante de uma realidade de construção formativa e em contato com valores que, embora tacitamente ligados ao mercado de trabalho, refletem e entram em contato sistematicamente com as perspectivas da vida contemporânea, desde sua produção até sua reinvenção. Sujeitos às instâncias baumanianas de liquefação, imediatismos, fragmentação, impermanência e inconstância,

tais indivíduos buscam pelo ato de consumo - neste século um marcador de individualidade e identidade.

O estudante passa a encarar um quadro em que sua realidade é uma performance e como tal, há parâmetros autoatribuídos de desempenho e produção, adquiridos dos sistemas capitalistas e neoliberais de se pensar e processar a existência. Desse modo, implodem-se os afetos naturais da trajetória, criando no influxo do desejo, apatia, ansiedade, melancolia, agonia e outros afetos negativos.

Na instituição pesquisada, observa-se que a cultura acadêmica passa a constituir simulacros de uma comunidade engajada na construção da realidade e do que se denomina e espera por futuro. Estes simulacros são potentes na medida em que desarticulam os próprios modos de produção de si mesmo, fazendo com que os estudantes se vejam em corridas automatizadas de produção incessante.

A liquidez da trajetória universitária está em um movimento duplo, interno e externo. Internamente, a liquefação dos tradicionais planos de vida se combinam com desejos amplificados pelo lastro capitalista e do fetichismo da subjetividade incapaz de se autorrealizar. Externamente, dispositivos de inovação e de promoção do conhecimento criam ambiências didáticas e metodológicas que aprisionam os indivíduos em culturas de aprendizagem mercantilizadoras.

O quadro geral aponta para experiências de desconforto e mal estar social, o que implica em margens psíquicas de adoecimento ou de precariedades da subjetividade. Se a liquefação gera instabilidade, é o processo seguinte, o da ebulição, que cria sistemas patológicos da saúde humana ou do próprio social, aos quais se deve cuidadosamente observar, documentar, analisar e intervir.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. R.; BALDANZA, R. F.; GONDIN, S. M. G. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, v. 6, n. 1, p. 05-24, 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BARROSO, A. F. . Consumo e violência: Resposta à inexistência do outro na Modernidade Líquida. **Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo**, Rio de Janeiro, v.9, p. 12-19, 2010.
- BORDINI, G. S.; Sperb, T. M. . O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, n. 16, v. 3, 2011.
- BROWN, W. **Cidadania sacrificial: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.
- CASSOL, C. V. . Ambivalência, solidariedade e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, 2020.
- CHAUÍ, M. **Neoliberalismo: nova forma do totalitarismo. A terra é redonda**. São Paulo. 2021 Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acessado em: 09/2021.
- HAROCHE, C. O sujeito diante a aceleração e de ilimitações contemporâneas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 41, v. 4, p. 851-862, 2015.
- JUNG, C. **Memórias, sonhos e reflexões**. Organização e edição Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2016.
- SAFATLE, V., *et. al.* **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica Editora, 2021.
- SIGAHÍ, T. F. A. C., Saltorato, P. A emergência da universidade operacional: redes, liquidez e capitalismo acadêmico. **Educação & Sociedade**, v.39, n. 144, p. 522 - 546, 2018.
- SILVA, R. B. *et. al.* Sobre a relação homem-trabalho no contexto da sociedade líquido-moderna: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 45, p. 293-309, 2015.